

A *téchne* aristotélica e sua implicação para a enfermagem

The aristotelian technique and its implication for nursing

La técnica aristotélica y su implicación para la enfermería

RESUMO

Objetivo: Analisar a *téchne* aristotélica e sua implicação para o cuidado de enfermagem. **Metodologia:** Texto reflexivo regido pela questão: como a filosofia aristotélica pode implicar o cuidado de enfermagem? Para resposta estabelecem-se os principais elementos que fundam a filosofia de Aristóteles no livro II da *Física* e na obra *Metafísica*; e as noções que essa filosofia projeta sobre a ciência e a arte da enfermagem. **Resultados:** A arte da profissão se manifesta na prática assistencial, na pesquisa e no ensino pelo cuidado de enfermagem. **Conclusão:** O cuidado de enfermagem é conjugação entre o saber-pensar, saber-fazer e o saber-conviver expresso na *téchne* da profissão; engloba habilidades manuais, capacidade de inovação, agir humano perante o paciente, organização, gerenciamento de pessoas e unidades; ele medeia o encontro científico e dialógico, marcado pelo senso estético, com o paciente. No sistema aristotélico, *epistème*, *práxis* e *a poiésis* estão em relação indissolúvel. **Descritores:** Enfermagem; Cuidado de Enfermagem; Filosofia; Conhecimento; Arte.

ABSTRACT

Objective: To analyze the Aristotelian *techné* and its implications for the nursing care. **Methodology:** Reflective text governed by the question: how can Aristotelian philosophy imply nursing care? For this answer, the main elements that found Aristotle's philosophy in book II of *Physics* and in the work *Metaphysics*; and the notions that this philosophy projects on the science and art of nursing are established. **Results:** The art of the profession is manifested in care practice, research, and teaching for nursing care. **Conclusion:** Nursing care is a combination of know-think, know-how, and know-coexist expressed in the *techné* of the profession; this encompasses manual skills, capacity for innovation, human behavior towards the patient, organization, management of people and units; it mediates the scientific and dialogic encounter, marked by the aesthetic sense, with the patient. In the Aristotelian system, *episteme*, *praxis*, and *poiesis* are in an indissoluble relationship. **Descriptors:** Nursing; Nursing Care; Philosophy; Knowledge; Art.

RESUMEN

Objetivo: Analizar la técnica aristotélica y sus implicaciones en la atención de enfermería. **Metodología:** Texto reflexivo realizado desde la pregunta: ¿Cómo la filosofía aristotélica puede implicar la atención de enfermería? Para responderla, se establecen los principales elementos que fundamentan la filosofía de Aristóteles en el Libro II de la *Física* y en la obra *Metafísica*; y las nociones que esta filosofía proyecta sobre la ciencia y el arte de la enfermería. **Resultados:** El arte de la profesión se manifiesta en la práctica asistencial, en la investigación y en la enseñanza para la atención de enfermería. **Conclusión:** La atención de enfermería es una combinación de saber pensar, saber hacer y saber convivir que se expresa en la técnica de la profesión; abarca habilidades manuales, capacidad de innovación, acción humana hacia el paciente, organización, gestión de personas y unidades; y media el encuentro científico y dialógico con el paciente marcado por el sentido estético. En el sistema aristotélico, *episteme*, *praxis* y *poiesis* están en una relación indisoluble. **Descriptores:** Enfermería; Atención de Enfermería; Filosofía; Conocimiento; Arte.

Gilberto de Lima Guimarães¹

 0000-0001-6027-372X

Vania Regina Goveia¹

 0000-0003-2967-1783

Isabel Yovana Quispe Mendoza¹

 0000-0002-7063-8611

Allana dos Reis Corrêa¹

 0000-0003-2208-958X

Mariana Oliveira Guimarães¹

 0000-0002-4934-1055

Silmar Maria Silva¹

 0000-0002-8322-3917

¹Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.

Autor correspondente:

Silmar Maria Silva

E-mail: silmarmaria@uol.com.br

INTRODUÇÃO

A enfermagem, enquanto ciência e arte, nasceu das diversas ações promovidas por Florence Nightingale, no final do século XIX, dando origem àquilo que os historiadores da área denominam de enfermagem moderna. Por meio dela, Florence preparou mulheres para atuarem na manutenção da saúde, no gerenciamento de pessoas, de recursos materiais, no ensino e no cuidado de doentes. A busca por sua cientificidade fez com que a enfermagem realizasse o movimento de aproximação da filosofia tradicional da ciência, o que trouxe reflexos para a pragmática assistencial, para a gerência, para o ensino e a pesquisa, a partir da formação profissional centrada no modelo biologicista e tecnicista⁽¹⁻³⁾.

Hoje, é desafiador para a enfermagem estabelecer a crítica filosófica sobre o paradigma que está a desenvolver e, com isso, expandir o corpo de conhecimento sobre a sua ciência e arte, bem como reavaliar a influência do modelo biologicista sobre o agir do profissional na assistência, na gerência, no ensino e na pesquisa. Para tanto, estudiosos da profissão sugerem revisar o paradigma Nightingale, julgando, assim, estabelecer a crítica da formação profissional e de sua pragmática assistencial. Sabe-se que nesse paradigma a enfermagem está alicerçada em uma tríade indissolúvel e coigual em valor, destacando: o saber-pensar, o saber-fazer e o saber-conviver; esses guardam correspondência, respectivamente, no sistema aristotélico, com o saber-teórico, o saber-produtivo e o saber-prático. Ante a maior familiaridade terminológica com a tríade Nightingale por parte da enfermagem, neste artigo, ela será tomada como sinônimo da tríade aristotélica⁽¹⁻³⁾.

É por intermédio dessa tríade de saberes que a arte da profissão é manifesta no ensino, no gerenciamento de pessoas, de recursos materiais e na prática assistencial, tendo por mote dispensar o cuidado de enfermagem ao paciente com elevado valor ético, social e científico. Os saberes não estão em competição entre si ou hierarquizados, e sim guardam uma posição de igualdade, dando equilíbrio à

atividade profissional. A arte da enfermagem se expressa, sobretudo, a partir do cuidado profissional dispensado ao paciente, a família e a comunidade, partindo-se do emprego da técnica de enfermagem, da escuta atenta junto ao outro, do gerenciamento de pessoas, da administração de recursos materiais, da educação em saúde, dentre outros⁽³⁻⁴⁾.

Por isso, a arte da enfermagem, em que pese o cuidado direto ao paciente, envolve a cordialidade entre o enfermeiro e o ser-cuidado, permitindo ao primeiro ‘ver’ com a sensibilidade e tocar a natureza humana em toda a sua essência e plenitude, elementos esses presentes no paradigma Nightingale. Ademais, por meio dela, o enfermeiro expressa um modo de estar no mundo, assumindo o compromisso de encontrar-se junto a pessoa em uma relação de solidariedade, simpatia, competência técnico-científica e ética. Nesse sentido, para a profissão, a sua arte assume um sentido de dever-ser, estando centrada na filosofia holística e humanística, de modo que o cuidado de enfermagem dela resultante seja significativo em seus aspectos assistenciais, administrativos e sociais⁽⁵⁻⁶⁾.

Nessa reflexão, toma-se o termo “arte” em sentido aristotélico, a saber: *téchne*. Reconhece-se que ela é elemento constitutivo do cuidado profissional dispensado ao paciente. Esse último permite identificar a base axiológica que funda a profissão, previamente reconhecida por Florence, a saber: o valor ético (o amor), o valor útil (a arte, a técnica e a gerência), o valor lógico (o conhecimento científico) e o valor social (a solidariedade). Ajuíza-se que é no amálgama desses valores que se constitui o ser-enfermeiro^(1,7-8).

Diversas metodologias são empregadas pelo enfermeiro para o exercício da *téchne* em seus aspectos organizacionais, assistenciais, procedimentais, normativos e administrativos, todos unidos à dimensão ética manifesta nas atitudes e ações que o movem a julgar, a escolher e a decidir a ação profissional que busque o bem-estar do paciente, da família e da comunidade. Assim, refletir sobre a *téchne* é estratégia necessária

para o crescimento e desenvolvimento sobre o ser-enfermeiro^(1,5,8).

Ademais, é por meio da *téchne* da enfermagem que se medeia o encontro científico e dialógico com o paciente, marcado pelo senso estético. O pensamento aristotélico tem participação significativa para elucidação da *téchne*, sendo pioneiro em sua reflexão, por isso, acredita-se que regressar a Aristóteles seja profícuo para as pretensões desse estudo^(5-6,8-11).

Postas essas considerações, o artigo tem por objetivo analisar a *téchne* aristotélica e sua implicação para o cuidado de enfermagem.

MÉTODOS

Trata-se de um estudo reflexivo, regido pela seguinte questão: como a filosofia aristotélica pode implicar o cuidado de enfermagem? Para obter a resposta, estabelece-se o seguinte percurso: indicar os principais elementos que fundam a filosofia de Aristóteles presente no livro II da *Física* e na obra *Metafísica*; e as noções que essa filosofia projeta sobre o cuidado profissional. O objeto de estudo é a *téchne* aristotélica e seu uso pela enfermagem moderna.

Esta reflexão foi alicerçada em dois eixos temáticos, a saber: a filosofia de Aristóteles em seus aspectos relevantes para a enfermagem e a dimensão dessa filosofia para balizar a *téchne* da enfermagem. Admitiu-se que a obra de Florence Nightingale – *Notas da enfermagem: o que é e o que não é* – aponta os elementos do pensamento aristotélico que fundamentam a enfermagem enquanto ciência e arte⁽¹²⁾.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A filosofia de Aristóteles

É preciso situar o campo investigativo em que se insere o texto aristotélico, compreendendo-o como um dos elementos que constitui o seu sistema filosófico. Nesse sentido, faz-se necessário identificar o ponto central que nutre a reflexão de Aristóteles. Na qualidade de discípulo de Platão, foi na Academia que ele teve contato com a filosofia platônica, pondo-se a refletir e

a construir outras soluções para os problemas tratados pelo mestre⁽⁸⁾.

Destaca-se que Platão está interessado em criticar a posição de alguns pré-socráticos, posição que o move à elaboração de sua teoria das ideias, como forma de resposta às críticas por ele endereçadas às proposições que analisou. Aristóteles, debruçando-se sobre a solução proposta pelo mestre, ante o debate suscitado pela rejeição do monismo de Parmênides e as teorias pré-socráticas do fluxo e do movimento, como o atomismo, estabelece uma nova solução^(5-6,8-10).

Ele identificou pontos controversos na teoria dualista proposta por Platão, denominada teoria das ideias, que veio a rejeitar. A questão levantada diz respeito às dificuldades de se explicar a relação entre o mundo inteligível e o mundo sensível. Sua principal objeção ao dualismo platônico está centrada em se atribuir uma suposta relação entre esses mundos, podendo ser considerada uma versão do paradoxo da relação⁽⁸⁾.

Sabe-se que toda e qualquer relação pode ser de dois tipos: interna ou externa. Uma relação interna entre 'A' e 'B' se dá quando se considera que 'A' e 'B' têm elementos comuns – em linguagem da Teoria de Conjunto, há uma interseção entre 'A' e 'B'. Neste sentido, 'A' e 'B' têm a mesma natureza e as relações não são problemáticas. Já uma relação externa entre 'A' e 'B' se dá quando não há elementos comuns entre 'A' e 'B'. Esse é o caso do mundo inteligível e do sensível, tratando-se de naturezas distintas. A relação entre 'A' e 'B' deve ser feita através de intermediários, isto é, um ponto externo, que se pode chamar de 'C', e que serve de elo entre 'A' e 'B'. Ora, a relação entre 'A', 'B' e 'C', será igualmente uma relação externa, necessitando de um ponto 'D' que relacione os demais entre si; levando a uma regressão ao infinito. Tem-se um paradoxo: ou a relação é interna, e então não há problema em explicá-la, mas não se trata mais de um dualismo; ou a relação é externa, e nesse caso é problemática, pois estabelece o infinito de pontos para efetuar-se. Assim, seja qual for

a escolha, é impossível estabelecer a conexão entre o mundo inteligível e o sensível^(5-6,8-10).

É para evitar esse tipo de problema que Aristóteles considera necessário um novo ponto de partida para a sua metafísica, isto é, a sua concepção de real, evitando assim o dualismo. Esse novo ponto de partida consiste em uma concepção da realidade segundo a qual o que existe é a substância individual, isto é, o indivíduo material concreto. Esse é o constituinte último da realidade, o que evita o dualismo, logo, a realidade é composta de um conjunto de indivíduos materiais concretos⁽⁸⁻¹⁰⁾.

A estratégia argumentativa aristotélica é introduzir o dualismo platônico para dentro do indivíduo, isto é, da substância individual. Matéria e forma são indissociáveis, constituindo uma unidade. Não existem formas ou ideias puras como no mundo platônico. É o intelecto humano que, pela abstração, separa matéria e forma no processo de conhecimento da realidade, relacionando os objetos que possuem a mesma forma e fazendo abstração de sua matéria e de suas características particulares^(5-6,8-10).

Ademais, Aristóteles está interessado em identificar os princípios, isto é, as regras pelas quais a ciência deve se pautar na investigação de seu objeto e na apresentação de seus resultados. A filosofia da natureza é uma disciplina distinta da ciência, pois se responsabiliza por formular princípios gerais que deverão orientar o trabalho específico do cientista natural, fornecendo-lhe parâmetros para formular suas hipóteses e conduzir suas investigações. Esses princípios são a autarquia ou autossuficiência e hilemorfismo^(5-6,8-10).

A autarquia é entendida como perfeição intrínseca pela qual algo se preserva independentemente de condições externas. Tudo que tem esse princípio em si é chamado de perfeito, isto é, garante todas as atividades e funções necessárias para manter-se sendo o que ele é. O mesmo termo (*telos*) pode designar, em outros contextos, o acabamento de uma coisa, entendido como sua plenitude ou, sua perfeição intrínseca. O hilemorfismo deriva de *hylé* (matéria) e *morphe* (forma).

É o conjunto das características essenciais que definem o que algo é. Os entes naturais possuem, além da forma, outro princípio constitutivo, a matéria. Esta é entendida como natureza e, por isso, apresenta-se como princípio pelo qual o ente natural se determina a um movimento^(5-6,8-10).

A mesma estratégia argumentativa é usada por Aristóteles a propósito da noção de causa e do problema da causalidade ao introduzir a teoria das quatro causas, a saber: causa material, causa formal, causa eficiente e causa final, mostrando que os filósofos anteriores, por não terem feito essa distinção, acabaram cometendo equívocos. Ele, então, faz a distinção de quatro sentidos ou dimensões da causalidade^(5-6,8-10).

As causas são quatro modos evidentes: a causa formal trata do modelo com que a coisa seja o que é e se propõe a responder à questão: o que é 'x'? A causa material indica o elemento constituinte da coisa sob escrutínio, isto é, a matéria de que é feita e se propõe a responder à questão – de que é feito 'x'? A causa eficiente consiste na fonte primária da mudança, isto é, o agente da transformação da coisa; agindo assim, busca redarguir a questão: por que 'x' é 'x'? E, por fim, a causa final. Essa busca responder à questão – para que 'x'? Desta maneira, almeja identificar o objetivo, o propósito e a finalidade^(5-6,8-10).

Para Aristóteles, examinar as causas permite conhecer os seus princípios; para ele, causa é aquilo de onde provém o começo da mudança ou do repouso. Por exemplo, é causa aquele que deliberou, assim como o pai é causa da criança e, em geral, o produtor é causa do produzido e aquilo que efetua a mudança é causa daquilo que se muda. Além disso, denomina-se causa como fim, ou seja, aquilo em vista de que se faz algo. Por exemplo, caminhar para promover a saúde; de fato, por que caminhar? Diz-se que o fim é ter saúde e, assim dizendo, julga-se ter dado a causa^(5-6,8-10).

Também se denomina causa tudo que – uma coisa tendo iniciado o movimento – vem a ser intermediário. Para a finalidade, por exemplo, da saúde, o emagrecimento. Assim, há várias causas para uma mesma coisa, não por concomitância;

por exemplo, tanto a arte de esculpir como o bronze são causas da estátua não enquanto ela é outra coisa, mas enquanto estátua, embora não do mesmo modo – uma é como matéria, a outra é como aquilo de onde provém^(5-6,8-10).

Prosseguindo, foi possível ao longo da história da filosofia reconhecer que o pensamento filosófico de Aristóteles é sistemático e, que, portanto, esse sistema constitui uma visão integrada do saber e que se subdivide em áreas específicas. Assim, o sistema aristotélico está estruturado em três partes, a saber: o saber-teórico, o saber-prático e o saber-produtivo^(5-6,8-10).

No sistema aristotélico, o saber-teórico, que constitui a ciência como conhecimento da realidade, divide-se em: ciência geral – o que Aristóteles denomina de Filosofia Primeira, conhecida posteriormente como metafísica ou ontologia; isto é, a ciência do Ser enquanto Ser, sendo consideradas em abstrato as características mais genéricas da realidade e inclui a teologia e a matemática. A ciência natural – conhecimento da realidade natural, dividindo-se na física e astronomia –, ciências que examinam o Ser em movimento. O tratado da física contém uma análise da realidade natural, das leis do movimento no mundo físico e das quatro causas, e diz respeito ao mundo sublunar, ou seja, a tudo que se passa da Lua para baixo; na ciência da vida – ciência que investiga o ser vivo em movimento; e na psicologia – o estudo do ser vivo, sensível e inteligente em movimento^(5-6,8-10).

A segunda parte do sistema consiste no saber-prático – inclui ética e política e seu objetivo é o estabelecimento de normas e critérios da boa forma de agir, isto é, da ação correta e eficaz. A terceira parte do sistema caracteriza-se pelo saber-produtivo ou *poiésis* – abrangendo, sobretudo, os estudos da estética –, as artes produtivas ou criativas. A visão de Aristóteles do processo de conhecimento é mais linear do que a de Platão, assim, não há rupturas, nem um processo de desvio e adaptação do olhar como ocorre com o prisioneiro na alegoria da caverna de Platão; ao contrário, trata-se de um processo acumulativo, em que passo a passo progride-se

da etapa anterior para a seguinte com base no conhecimento já obtido, cada estágio pressupõe o anterior^(5-6,8-10).

O início do processo do saber produtivo ou *poiésis* é a sensação. Por meio dos órgãos dos sentidos, a realidade é captada e, em seguida, armazenada na memória. Adiante, essa memória permite reconhecer a ocorrência de fatos assemelhados com que o indivíduo se depara no mundo real, creditando-lhe a experiência. Ante essa experiência, ele propõe forma de enfrentamento (*téchne*) por meio da criação de artefatos que lhe permitem auferir melhor resultado prático. Em seguida, depois de percorridas essas etapas, o indivíduo poderá voltar-se para a construção de uma explicação racional dos processos envolvidos, criando a ciência ou *epistéme*⁽⁸⁾.

Cabe-nos, a propósito de uma melhor compreensão desse artigo, analisar um pouco mais a *téchne*. Nas palavras de Aristóteles: “[...] em geral, a *téchne* perfaz certas coisas que a natureza é incapaz de elaborar e a imita”⁽⁸⁾.

Esse termo, *téchne*, pode ser traduzido por arte ou técnica. Sabe-se que os gregos não distinguiam entre a atividade do sapateiro e a do escultor, considerando todas como tipos de *téchne*. Assim, a *téchne* é o trabalho do artífice ou do artesão, consistindo em um conhecimento de regras que permitem produzir determinados resultados, bem como o fazer manual. Na *téchne*, sabe-se o ‘porquê das coisas’, ou seja, pode-se determinar a causa. É só no nível da técnica que se tem a possibilidade de ensinar, pois o ensinamento envolve a determinação das regras e de relações causais. Aristóteles observa, inclusive, que, sob certos aspectos, aquele que tem um conhecimento estritamente prático pode levar vantagem sobre o que tem o conhecimento apenas técnico, porém, aquele que conhece as regras é superior ao indivíduo que tem apenas a prática, porque não só sabe fazer, mas sabe o que faz e por que o faz^(5-6,8).

A última etapa do processo do conhecimento, e a mais elevada, é a *epistéme* ou o conhecimento científico. Trata-se do conhecimento real, abstrato e genérico, o conhecimento de conceitos e

princípios. Esse saber teórico caracteriza-se por ser contemplativo, definindo-se pela visão da verdade e por não ter objetivos práticos ou fins imediatos. É um saber gratuito que satisfaz uma curiosidade natural do homem: o desejo de conhecer. É essa gratuidade, aliada à abstração e à generalidade, que caracteriza a sua superioridade em relação à *téchne*. Constata-se que somente no início do século XVI-XVII, com o alvorecer da ciência moderna, que a ciência e a *téchne* interagiram, momento em que a segunda se torna uma aplicação prática do conhecimento científico^(5-6,8-10).

A filosofia aristotélica é base para a ciência e a *téchne* da enfermagem

É necessário tecer algumas considerações sobre Florence Nightingale, a partir de sua obra: *Notas da Enfermagem: o que é e o que não é*, com o intuito de apontar alguns de seus princípios para a construção dessa reflexão. O trabalho de Florence é considerado uma filosofia. Estudiosos apontam que são três os princípios de sua teoria: a cura, a liderança e a ação global. Seu trabalho teve influência na profissão e no ensino da enfermagem por mais de um século. Florence acreditava que cinco pontos eram essenciais na obtenção de um ambiente saudável, a saber: o ar e a água puros, esgoto eficiente, limpeza e luz. Por isso, o planejamento do cuidado de enfermagem a ser dispensado no domicílio deveria levar em consideração os aspectos da residência do paciente, bem como a disposição para a saúde dos integrantes do núcleo familiar^(12,13).

Embora os conceitos do metaparadigma da enfermagem só aparecessem 130 anos adiante, Florence, em sua obra, identificou-os, a saber: o humano, ambiente, saúde e a enfermagem. Em Nightingale, o cuidado de enfermagem reveste-se de um sentido que envolve minimamente: a alimentação, a higiene corporal, a organização do leito e roupas de cama apropriadas. Ela estava convencida de que o cuidado de enfermagem era essencial para a cura do enfermo. Em sua perspectiva, a enfermagem era uma arte e, como tal, detentora de saberes empíricos, éticos e científicos. Em seu trabalho,

ela estabeleceu o que acreditava ser importante no cuidado de enfermagem ao enfermo, partindo de suas necessidades^(12,13).

Florence defendia que as enfermeiras devessem observar com precisão seus pacientes, tendo uma abordagem sistematizada. Explicou que as enfermeiras desenvolvessem a competência do saber-pensar sobre o cuidado de enfermagem. A atuação de Florence foi revolucionária pelo impacto na profissão e em sua arte, em que pese o cuidado de enfermagem ao paciente. Prosseguindo, faz-se necessário identificar o enlace entre o pensamento aristotélico e a perspectiva nightingaleana. Então, vejamos. Desde o advento da ciência moderna, busca-se identificar nos diversos fenômenos presentes na natureza a relação de causa e efeito. Esse *modus operandi* tem caracterizado o fazer científico e, do ponto de vista de origem, essa perspectiva é oriunda da filosofia aristotélica, notadamente identificada a partir de sua teoria das quatro causas. Por meio do uso da razão, Aristóteles buscou desvendar essa relação e, com isso, elaborar o conhecimento científico. Ele foi o primeiro na história do pensamento ocidental a reconhecer e a investigar essa relação. Pode-se afirmar que Florence Nightingale foi leitora de Aristóteles, pois, em sua obra *Notas da Enfermagem: o que é e o que não é*, em diversas passagens, palavras como meio termo, causação e o uso do princípio da não contradição, dentre outras, se fazem presentes. Ademais, Florence menciona como atribuição da enfermeira a capacidade de observação sistemática enquanto estratégia para identificação da relação de causa e efeito ante o fenômeno saúde-doença presente na pragmática assistencial, posicionamento típico do legado do filósofo. Nesse sentido, a construção da ciência da profissão tem influência do pensamento aristotélico^(1-2,5-6,8-12).

Sabe-se que a enfermagem é uma ciência nascente, cujo processo de desenvolvimento histórico tem se revelado promissor. Reconhece-se que o fenômeno presente na pragmática profissional deve se constituir no seu objeto próprio de pesquisa, pois ele é instrumental para a

especificidade do saber científico construído, já que delimita o campo e estabelece a fronteira da enfermagem enquanto disciplina. Cabe, portanto, à enfermagem estabelecê-lo a fim de garantir a especificidade do conhecimento científico produzido. Advoga-se que esse objeto está no fazer da enfermeira e se constitui na essência da profissão. Se aceita essa premissa e reconhecendo a sua aparição em Florence Nightingale, admite-se o cuidado de enfermagem como objeto de estudo da profissão^(1-2,5-6,8-12).

Sobre o cuidado de enfermagem, sabe-se que ele possui bases teóricas, filosóficas e históricas da profissão, expressando sua ciência e arte. Enquanto ciência, a enfermagem notabiliza-se por ser uma prática investigativa, reconhecida e consistente e voltada para a assistência no campo das ciências da saúde. Para tanto, importa compreender que, na relação intrínseca e dinâmica entre o saber e a elaboração de um novo saber-fazer, é necessário questionar o que é feito com o intuito de apreender a ação do cuidar, relevando a fundamentação teórica e tendências ante os desafios da atualidade, posicionamento esse admitido na filosofia aristotélica^(1-2,5-6,8-12).

Desta maneira, o cuidado de enfermagem é um dos fenômenos essenciais para a saúde e para o desenvolvimento humano, além de permitir a formação de vínculos sociais, conforto e a manutenção da vida em sua dimensão biopsicossocial. Ele se refere a ato, a experiência e a ideias dirigidas ao paciente, família ou comunidade. Seu objetivo indelével é ajudar, oferecer suporte, facilitar e permitir o desenvolvimento do estado de saúde ou o enfrentamento da morte. Logo, possui uma dimensão ética, elemento unificador do sistema aristotélico^(1-2,5-6,8-12).

Prosseguindo, para a enfermagem, sua arte (*téchne*) é o ponto de interseção entre o saber-pensar, o saber-conviver e o saber-fazer. Por meio de sua *téchne*, o enfermeiro possui um tipo de conhecimento que permite produzir determinados resultados, a partir do oferecimento do cuidado de enfermagem ao paciente, a família e a comunidade. Nela, o enfermeiro que a utiliza sabe o 'porquê das coisas', ou seja, pode-se

determinar a causa. Ao mesmo tempo, o ensino dessa *téchne* torna-se factível para as gerações em processo de formação, pois é só no nível da técnica que se tem a possibilidade de instruir, pois o ensino da enfermagem envolve a determinação das regras e de relações causais^(5-6,8-12).

Em sentido aristotélico, o enfermeiro figura entre os demais integrantes da equipe de enfermagem como aquele que tem um tipo de conhecimento com maior complexidade, advindo do seu acesso às evidências científicas que guardam o acervo elaborado pela ciência. Cabe a ele trazer para o cenário assistencial e de ensino os resultados científicos de sua formação. Nesse sentido, o técnico de enfermagem, enquanto aquele que tem o conhecimento manual, pode manifestar maior destreza no emprego de técnicas básicas, por exemplo, na execução da técnica do banho no leito, sobretudo, em que pese o tempo gasto para a sua realização. Porém, o enfermeiro, por ter o conhecimento científico para a fundamentação da *téchne*, é superior ao técnico de enfermagem que tem apenas a prática, porque não só sabe fazer, mas sabe o que faz e por que o faz, tendo a capacidade de fundamentar e preservar os aspectos científicos que devem nortear o fazer^(1,4,7-12).

Por isso, a *téchne* da enfermagem envolve a conformidade e respeito às normas estabelecidas, necessitando de habilidades manuais e valorização do conhecimento científico (*epistémé*), bem como o uso de recursos materiais adequados, a fim de fazer emergir na prática assistencial o cuidado de enfermagem. Por meio do saber-fazer, o profissional desenvolve as habilidades manuais que cercam os procedimentos, os aspectos organizacionais, as atitudes e ações que permitem a operacionalização do cuidado de enfermagem^(1,5,6-8,12).

Cabe destacar o papel do saber-conviver. Por seu intermédio, constrói-se o compromisso ético e solidário – em linguagem aristotélica, o saber-prático – que esteja alinhado à competência técnico-científica. Esse saber é o garantidor da dimensão ética da *téchne* da enfermagem. Ele possui duas faces que são complementares. A primeira é aquela que se estabelece na relação

enfermeiro-paciente. Por seu intermédio, o paciente é percebido como pessoa e não enquanto objeto, logo, valor em si e irreduzível à coisificação. A segunda é a capacidade do enfermeiro de ajuizar o bem e o mal na dinâmica do seu agir profissional^(5-8,10,12).

O código de ética profissional busca conferir uma logicidade de conduta, mas não é de um código que se trata o saber-conviver, mas da capacidade do enfermeiro de avaliar criticamente o seu agir profissional, descrito ou não em um código, tudo isso manifesto no cuidado de enfermagem. Este é uma atitude de consideração, de conhecimento, de amor, de solidariedade; é uma obrigação moral por parte do ser-enfermeiro. Responde por ajudar incondicionalmente, oferecendo apoio, segurança e simpatia. Inclui perceber a vulnerabilidade do outro e sua necessidade de cuidado, movendo-se em sua direção de maneira simpática e responsável⁽⁷⁻¹⁰⁾.

A simpatia – em conjunção com o amor – possibilita a comunicação plena entre as pessoas. Constitui-se em um amálgama e, dessa maneira, não se pode falar de um, sem remeter-se ao outro. Só é capaz de ‘simpatizar com’ aquele que é capaz de amar e, por amar, é capaz de ‘simpatizar com’. Assim, o relacionamento pautado na simpatia permite que o enfermeiro estabeleça no seu cotidiano assistencial intervenções de enfermagem que atendam a dimensão biopsicossocial do paciente. Sabe-se que a simpatia tem duas formas: ‘sentir com o outro’ e ‘simpatizar com’; primeiro ‘sente-se com’ o outro, depois ‘simpatiza-se com’. ‘Simpatizar com’ traz à consciência o caso particular do paciente e uma realidade igual a nosso próprio Eu. ‘Sentir com o outro’ é uma aparição de menor impacto da vida emotiva, já que move o enfermeiro a defrontar-se com as alegrias e tristezas despertadas no encontro assistencial com o paciente, no entanto, é incapaz de produzir em seu interior a compaixão, isto é, a capacidade de colocar o paciente ‘dentro de si’, enternecendo-se por ele; somente o ‘simpatizar com’ é capaz de fomentar essa atitude, permitindo ao enfermeiro mover-se a uma atitude humanizadora de sua prática profissional⁽¹¹⁾.

Diante dessa declaração, constata-se que a *téchne* da enfermagem não se esgota na

expressão da habilidade manual; há em seu âmago uma dimensão científica, ética e social, isto é, uma perspectiva solidária e amorosa. Assim, a solidariedade é elemento constitutivo do cuidado de enfermagem e, por isso, a *téchne* da enfermagem não pode dissociar-se desse elemento, pois não se trata da mera execução de um dado procedimento ou observância de uma normativa, mas da própria essência da profissão^(5-6,8-12).

Prosseguindo, o saber-conviver engloba o componente moral que se relaciona com as difíceis escolhas que se faz no processo de cuidar em saúde, e que envolvem questões fundamentais sobre o bem e o mal, estabelecendo os princípios, normas e códigos que estão sujeitos a julgamentos das ações profissionais e, portanto, liga-se diretamente ao agir ético na pragmática assistencial^(1-2,5-6,8-12).

Sabe-se, ainda, que o cuidado de enfermagem na pragmática envolve planejamentos sistematizados, metas a serem alcançadas que englobam escolhas que podem ser conflitantes. Por isso, a ética é o fundamento decisório para o profissional de enfermagem, pois as decisões do cotidiano de vida e de saúde vêm cotejadas pelo poder instituído, indo além de seus aspectos técnico-científicos^(1-2,5-6,8-12).

É por meio do saber-pensar, do saber-fazer e do saber-conviver que a enfermagem se depara com o paciente e identifica a sua condição de pessoa. Assim, ele é reconhecido como detentor de comportamento peculiar construído a partir de valores, padrões culturais e experiências que não podem ser objetivados e que constituem o seu campo ético-existencial. É deste contexto que emergem os dilemas éticos e bioéticos, fundamentados em princípios ético-legais e determinados por escolhas complexas no processo de cuidar^(1-2,5-6,8).

A arte da enfermagem permite valorar o paradigma Nightingale, pois é por seu intermédio que o cuidado de enfermagem se institui na pragmática assistencial. Ela não é apenas uma capacidade manual ante as ações e procedimentos da técnica, mas um elemento unificador. Nesse sentido, o sistema aristotélico composto por três conhecimentos que se relacionam entre si, a saber, o saber-teórico, o saber-prático e o saber-produtivo, apontam para a complexidade

que funda a *téchne* da enfermagem, já que esta transcende o fazer manual. É inerente à profissão possuir saberes que se articulam entre si, com o propósito de estabelecer o seu agir^(1,4,7-10).

CONCLUSÃO

À guisa da conclusão, pode-se afirmar que, a filosofia aristotélica traz implicações para a enfermagem enquanto ciência e arte. No texto, o termo arte foi tomado em sentido aristotélico – *téchne* – e sua expressão dá-se na pragmática assistencial, no gerenciamento e no ensino. Na pragmática assistencial, ele é comumente identificado a partir do cuidado de enfermagem dispensado ao paciente. Foi possível analisar a *téchne* da profissão, em que pese o cuidado de enfermagem, tomado o saber-teórico, o saber-produtivo e o saber-prático. Ajuizou-se que a *téchne* da enfermagem não se esgotou na expressão da habilidade manual; há em seu âmago uma dimensão científica, ética e social, tendo uma perspectiva solidária e amorosa. Logo, o enfermeiro não é aquele que apenas detém o saber técnico, mas alguém que se vale dele para empreender uma relação dialógica, holística, humanística e solidária perante o paciente, a família e a comunidade no ato em que dispensa o cuidado de enfermagem. Ao mesmo tempo, foi admitido, a priori, que a obra de Florence Nightingale – *Notas da Enfermagem: o que é e o que não é* – apontou os elementos do pensamento aristotélico que fundamentam a enfermagem enquanto ciência e arte; nela a tríade aristotélica (o saber-teórico, o saber-produtivo e o saber-prático) tem uma correspondência identificada por pesquisadores da área no saber-pensar, no saber-fazer e no saber-conviver.

Diversos críticos apontam que o homem está em processo de esquecimento de sua humanidade. Esses identificam essa situação a partir das marcas que fundam a sociedade contemporânea, sobretudo, manifesta no vazio existencial e na violência em suas mais diversas formas. O enfermeiro, enquanto integrante da vida social, não está incólume dessa ação deletéria. No entanto, é possível que, mediado pelo pensamento aristotélico-nightingaleano, ele possa realizar o movimento

reflexivo e estabelecer o posicionamento crítico ante esse contexto e, com isso, ratificar ou retificar o seu agir profissional, promovendo e desenvolvendo o cuidado de enfermagem em sua amplitude no saber-pensar, no saber-fazer e no saber-conviver.

Sobre o cuidado de enfermagem, sabe-se que possui bases teóricas, filosóficas e históricas da profissão, expressando sua ciência e arte. Enquanto ciência, a enfermagem notabiliza-se por ser uma prática investigativa voltada para a assistência à saúde. Para ela, o cuidado profissional é um dos fenômenos essenciais para o desenvolvimento humano, além de permitir a formação de vínculos sociais, conforto e a manutenção da vida em sua dimensão biopsicossocial e espiritual. O cuidado de enfermagem tem por objetivo ajudar o paciente, família e comunidade no desenvolvimento do estado de saúde ou no enfrentamento da morte. Ele é fundamentado no conhecimento científico, sendo permeado pelo amor e pela solidariedade, dentre outros; trata-se de uma obrigação moral, simpática e responsável do ser-enfermeiro.

Sabe-se que o cuidado de enfermagem possui elementos axiológicos que lhe permitem transcender o fazer manual. Esses valores foram identificados por Florence Nightingale e formam um amálgama, sendo eles: o valor lógico (conhecimento científico), o útil (a arte, a técnica e a gerência), o ético (o amor e a simpatia) e o social (solidariedade). Em sentido nightingaleano, a *téchne* não é apenas uma habilidade manual, mas uma conjugação entre a tríade, saber-pensar (valor lógico), saber-fazer (valor útil) e o saber-conviver (valor ético e social), o seu equivalente aristotélico é expresso pela *epistème*, a *práxis* e a *poiésis* em uma relação indissolúvel.

É por meio do saber-pensar que o enfermeiro justifica o agir profissional por meio da valoração do conhecimento científico que utiliza para legitimar a sua *téchne* na prática assistencial, na pesquisa e no ensino. Por meio do saber-fazer, o profissional desenvolve as habilidades manuais que cercam os procedimentos, os aspectos organizacionais, as atitudes e ações que permitem a operacionalização do cuidado de enfermagem. Já o saber-conviver garante a dimensão ética

da *téchne*, tendo duas faces complementares. A primeira está na relação enfermeiro-paciente, momento em que o último deixa de ser coisificado, sendo visto como pessoa. A segunda é a capacidade do profissional de ajuizar o bem e o mal ante o seu agir. Os saberes não estão em competição ou hierarquizados, mas guardam uma posição de igualdade, dando equilíbrio à pragmática profissional e o ensino, fazendo emergir o cuidado de enfermagem científico, ético e solidário.

Ademais, por meio do domínio da *téchne* da enfermagem, o enfermeiro possui o conhecimento que permite produzir determinados resultados que visam o bem-estar do paciente, da família e comunidade. Além disso, sabe o 'porquê das coisas', podendo determinar a relação de causa e efeito, elemento fundamental do conhecimento científico e que torna possível o ensino dessa *téchne* para as gerações em processo de formação.

REFERÊNCIAS

1. Guimarães GL, Quispe Mendoza IY, Werli-Alvarenga A, Barbosa JAG, Correa AR, Manzo BF, et al. A arte da enfermagem na visão do discente: um encontro com Scheler. *Rev Enferm UFPE On Line*. 2018;12(2):456-64. DOI: [10.5205/1981-8963-v12i2a23545p456-464-2018](https://doi.org/10.5205/1981-8963-v12i2a23545p456-464-2018).
2. Guimarães GL, Quispe Mendoza IY, Corrêa AR, Ribeiro EG, Guimarães MO, Chianca TCM. Por uma proposta de avaliação da Pós-graduação em Enfermagem a partir de Thomas Kuhn. *Texto & Contexto Enferm*. 2020;29:e20190090. DOI: [10.1590/1980-265X-TCE-2019-0090](https://doi.org/10.1590/1980-265X-TCE-2019-0090).
3. Parr Vijinski J, Hirst SP, Goopy S. Nursing and music: considerations of Nightingale's environmental philosophy and phenomenology. *Nurs Philos*. 2018;19(4):e12223. DOI: [10.1111/nup.12223](https://doi.org/10.1111/nup.12223).
4. Blondeau D. Nursing art as a practical art: the necessary relationship between nursing art and nursing ethics. *Nurs Philos*. 2002;3(3):252-9. DOI: [10.1046/j.1466-769X.2002.00095.x](https://doi.org/10.1046/j.1466-769X.2002.00095.x)
5. Whelton BJB. Nursing Philosophy response to Peter Allmark's article Aristotle for Nursing. *Nurs Philos*. 2017; 18(4):e12175. DOI: [10.1111/nup.12175](https://doi.org/10.1111/nup.12175).
6. Allmark P. Aristotle for nursing. *Nurs Philos*. 2017;18(3):e12141. DOI: [10.1111/nup.12141](https://doi.org/10.1111/nup.12141).
7. Whitman BL, Rose WJ. Using art to express a personal philosophy of nursing. *Nurse Educ*. 2003;28(4):166-9. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/12878894/>
8. Aristóteles. *A física: livro II*. Angionni L, tradutor. Campinas: Editora da Unicamp; 2016.
9. Guerra MC. A fenomenologia de Heidegger e a filosofia prática de Aristóteles. *Saber Digit. (Valença)*. 2018;2(1):94-108. DOI: [10.1097/00006223-200307000-00006](https://doi.org/10.1097/00006223-200307000-00006).
10. Aristóteles. *Metafísica*. Bini E, tradutor. São Paulo: Edipro; 2006.
11. Guimaraes GL, Matos SS, Aidê FF, Manzo BF, Sharry S, Souza MAF. Redescoberta da simpatia na prática do enfermeiro em terapia intensiva. *Rev Enferm UFPE On Line*. 2017;11(2):491-97. DOI: [10.5205/1981-8963-v11i2a11966p491-497-2017](https://doi.org/10.5205/1981-8963-v11i2a11966p491-497-2017).
12. Nightingale F. *Notas da enfermagem: o que é e o que não é*. Prado A, tradutora. São Paulo: Cortez; 1989.
13. McEven Melaine. *Theoretical basis for nursing*. Philadelphia: Wolters Kluwer Health; 2014.

Editores responsáveis:

Patrícia Pinto Braga | Editora Chefe
Clarissa Terenzi Seixas | Editora Científica

Nota: Não houve financiamento por agência de fomento.

Recebido em: 20/05/2022

Aprovado em: 01/03/2023

Como citar este artigo:

Guimarães GL, Goveia VR, Mendoza IYQ, et al. A *téchne* aristotélica e sua implicação para a enfermagem. *Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro*. 2023;13:e4741. [Access_____]; Available in:_____. DOI: <http://doi.org/10.19175/recom.v13i0.4741>